

**em prol da justiça climática:
saberes compartilhados**

**for climate justice:
shared knowledge**

Cláudia Herte de Moraes

Colaboradora no Programa de Pós-Graduação em Comunicação
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

Frederico Westphalen, RS

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3233-311X>

Júlia Weber

Graduanda de Relações Públicas

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

Frederico Westphalen, RS

Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-0489-8200>

Júlia Gonsalo de Carvalho

Graduanda de Relações Públicas

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

Frederico Westphalen, RS

Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-3440-6846>

Franchesco de Oliveira Y Castro

Graduando de Jornalismo

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

Frederico Westphalen, RS

Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-2770-4063>

Raquel Teixeira Pereira

Graduanda de Jornalismo

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

Frederico Westphalen, RS

Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-5465-2801>

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.17458286>

Resumo: Este relato de experiência apresenta ações desenvolvidas pelo PET *Educom Clima* que articulam educomunicação, justiça climática e diálogo intercultural. O foco são as ações com estudantes do ensino médio em Frederico Westphalen (RS) e da Licenciatura Intercultural Indígena da UFSM. As atividades incluem oficinas realizadas em escolas públicas, como “*Brasil em Chamas*”, voltada à conscientização sobre as queimadas e a crise climática, aliando produção visual e reflexão crítica.

Também foi promovido o “*Momento de Leitura*” com turmas do ensino médio, com base na obra *Ideias para Adiar o Fim do Mundo*, de Ailton Krenak. No contexto universitário, destaca-se a oficina de fotografia e vivência jornalística com estudantes indígenas durante o evento “*Compartilhando Saberes*”, em que os participantes atuaram como fotógrafos do evento e refletiram sobre a imagem como linguagem de expressão e resistência. As ações se complementam com as rodas de leitura quinzenais realizadas dentro da universidade, que abordam temas como bem viver, epistemologias decoloniais, juventude e território, promovendo formação crítica entre os membros do grupo. A educomunicação é a base para esse enlace. Ao integrar práticas formativas em diferentes contextos sociais e educacionais, estas experiências reforçam o papel da extensão universitária na promoção de letramentos socioambientais comprometidos com a valorização dos saberes ancestrais, o fortalecimento da escuta sensível e a construção de narrativas coletivas sobre a crise climática.

Palavras-chave: (1) Educomunicação; (2) Justiça climática; (3) Diálogo intercultural; (4) Juventude; (5) Extensão universitária.

Abstract: This experience report presents initiatives developed by PET *Educom Clima* that combine educommunication, climate justice, and intercultural dialogue. The focus is on initiatives with high school students in Frederico Westphalen, Rio Grande do Sul, and the Indigenous Intercultural Licentiate Program at UFSM. Activities include workshops held in public schools, such as “*Brazil in Flames*”, aimed at raising awareness about forest fires and the climate crisis, combining visual production and critical reflection. A “*Reading Moment*” was also held with high school students, based on the book “*Ideas to Postpone the End of the World*” by Ailton Krenak. In the university context, a photography and journalistic experience workshop with Indigenous students during the “*Sharing Knowledge*” event stands out, in which participants acted as photographers and reflected on images as a language of expression and resistance. These initiatives are complemented by biweekly reading circles held within the university, which address topics such as good living, decolonial epistemologies, youth, and territory, fostering critical thinking among group members. Educommunication is the foundation for this connection. By integrating formative practices into different social and educational contexts, these experiences reinforce the role of university extension in promoting socio-environmental literacies committed to valuing ancestral knowledge, strengthening sensitive listening, and building collective narratives about the climate crisis.

Keywords: (1) Educommunication; (2) Climate justice; (3) Intercultural dialogue; (4) Youth; (5) University extension.

Educomunicação como base para o letramento socioambiental

A crise climática tem acentuado as desigualdades socioambientais e imposto desafios urgentes à educação, especialmente no que se refere à escuta e à valorização de saberes diversos sobre o mundo. Nesse contexto, a extensão universitária pode se constituir como espaço de formação crítica ao articular território, juventude e comunicação, promovendo o que Loureiro (2019) denomina de *"educação como questão de vida"*. A proposta do *PET Educom Clima*, vinculado à UFSM/FW, parte dessa compreensão para desenvolver práticas educacionais comprometidas com a justiça climática.

Inspirado por autores como Paulo Freire e Ailton Krenak, o grupo assume o diálogo como eixo estruturante das suas ações. Como aponta Freire (1996), *"ninguém educa ninguém, mas todos nos educamos em comunhão"*. Essa perspectiva se entrelaça às reflexões de Krenak (2019: 23), ao afirmar que *"não há nenhuma promessa de que esse mundo continue sendo o que é para sempre"*. A escuta sensível, o reconhecimento das vozes silenciadas e a disposição para aprender com os saberes ancestrais são fundamentos das ações do grupo.

As atividades desenvolvidas pelo *PET Educom Clima* partem de uma concepção ampliada de comunicação como processo formativo e político. A articulação entre comunicação, meio ambiente e justiça social vem sendo construída historicamente por diferentes sujeitos coletivos que enfrentam processos de invisibilização, expropriação e epistemicídio. Os movimentos do campo, das águas e das florestas, por exemplo, há décadas denunciam a destruição ambiental provocada pelo agronegócio e pelas políticas desenvolvimentistas excludentes, reivindicando o direito à terra, à cultura e à educação contextualizada.

No campo da pesquisa e da prática educacional, Rogério Haesbaert (2004) propõe uma compreensão expandida de território como espaço vivido e apropriado pelos sujeitos, atravessado por dimensões simbólicas, políticas e identitárias. Para o autor, *"o território é também território de pertencimento, de construção de sentidos, de identidades e de resistências"* (HAESBAERT 2004: 19). Dessa forma, pensar a Educação Socioambiental e a comunicação em territórios marcados por desigualdades históricas exige reconhecer a centralidade das lutas por pertencimento e memória.

É nesse horizonte que se inscrevem as oficinas e vivências promovidas pelo grupo, compreendidas não como intervenções pontuais, mas como processos construídos a partir da escuta, da troca de saberes e da presença nos territórios.

Essa experiência exemplifica a potência das práticas educacionais no enfrentamento da crise climática, especialmente quando articuladas à escuta ativa dos sujeitos envolvidos. Mais do que

transmitir informações, as interações buscam construir sentidos compartilhados, ampliar a percepção ambiental e estimular o engajamento juvenil a partir da realidade local. A seguir, detalham-se três ações formativas significativas realizadas entre março e junho de 2025, que ilustram a educomunicação como prática de justiça climática e pedagógica: a oficina “*Brasil em Chamas*” e o “*Momento de Leitura*” com estudantes do ensino médio e a oficina “*Olhar de Jornalista*” com estudantes de Licenciatura Indígena no evento “*Compartilhando Saberes*”.

Brasil em Chamas: **sensibilização socioambiental nas escolas**

As queimadas representam um dos maiores desafios ambientais enfrentados pelo Brasil na atualidade. O ano de 2024 registrou índices alarmantes de focos de incêndio em diversos biomas brasileiros, intensificando os impactos da crise climática global. Nesse cenário, torna-se essencial desenvolver estratégias educativas que promovam a conscientização e o engajamento de jovens sobre os riscos e consequências dessas práticas. Realizada na *Escola Estadual de Educação Básica Sepé Tiaraju*, em Frederico Westphalen, a oficina “*Brasil em Chamas*” promoveu uma abordagem crítica sobre os incêndios florestais no Brasil na turma do segundo ano do ensino médio. A turma possuía 23 alunos na faixa etária de 15 e 16 anos. A proposta partiu da constatação de que, como afirma Krenak (2019), vivemos em um mundo em colapso que insiste em seguir os mesmos padrões de destruição. A oficina buscou criar um espaço de reflexão coletiva sobre os impactos das queimadas e o papel das juventudes na defesa do meio ambiente.

Durante a atividade, os estudantes foram convidados a interpretar imagens de queimadas, discutir notícias recentes sobre o tema e produzir cartazes e slogans em grupo. A dinâmica valorizou a leitura crítica da mídia, a expressão criativa e o reconhecimento das contradições entre desenvolvimento e preservação ambiental. Essa abordagem dialoga com a proposta de Loureiro (2012), que defende a formação de sujeitos ecológicos capazes de articular conhecimento, sensibilidade e ação.

Ao realizarem a atividade de produção dos cartazes, os alunos tiveram a oportunidade de ter contato com câmeras profissionais disponibilizadas pelo PET. Utilizaram sua criatividade artística de duas formas, tanto com o trabalho manual quanto a partir do olhar fotográfico. Ao combinar informação científica, diálogo crítico e linguagem fotográfica, a atividade buscou articular ensino, extensão e pesquisa na promoção do engajamento juvenil frente aos desafios socioambientais.

Figura 1 - Oficina *Brasil em Chamas* na Escola Estadual de Ensino Básico Sepé Tiaraju



Fonte: Bolsista do Pet Educom Clima Bruna Einecke.

A oficina permitiu que os alunos identificassem os impactos ambientais locais, relacionando-os com processos globais. Foram discutidas as queimadas no Pantanal e na Amazônia, mas também os incêndios em áreas próximas à cidade, o que possibilitou ancorar o debate no território vivido. A construção coletiva de materiais visuais, como cartazes e intervenções gráficas, reforçou o papel da comunicação como ferramenta de denúncia e sensibilização. A experiência da fotografia utilizada na oficina não se limitou ao registro visual, mas funcionou como linguagem pedagógica, mediando processos de escuta, observação do território e produção coletiva de sentidos. Por meio dela, os estudantes puderam expressar suas percepções visuais do ambiente que habitam e atuam, em um exercício de cidadania ativa e educação ambiental crítica.

Momento de Leitura: **juventude, escuta e ancestralidade**

O *Momento de Leitura* é uma atividade formativa do *PET Educom Clima* que promove encontros quinzenais dedicados à leitura compartilhada, escuta e diálogo entre estudantes da UFSM/FW. A partir de trechos selecionados por integrantes do grupo, os encontros abordam temas como meio ambiente, comunicação, ancestralidade e justiça climática. Mais do que discutir textos, a proposta busca articular teoria e experiência, valorizando a troca entre diferentes trajetórias acadêmicas e pessoais. Esses momentos têm se consolidado como espaços de reflexão crítica sobre questões

socioambientais, ampliando a compreensão coletiva a partir da diversidade de perspectivas presentes nas rodas.

As obras selecionadas para os encontros foram escolhidas justamente por sua capacidade de deslocar olhares naturalizados e provocar questionamentos. Em *Ideias para Adiar o Fim do Mundo*, Ailton Krenak (2019) propõe uma crítica à concepção moderna de humanidade como algo separado da natureza. Ele relaciona o colapso ambiental à ruptura simbólica, ao nos vermos como superiores à natureza; e prática, ao tratarmos o planeta como mero recurso a ser explorado. Krenak defende a valorização de outras formas de ver e viver o mundo, sobretudo as cosmologias indígenas, que compreendem a Terra como um ser vivo e interdependente dos demais seres.

Essa perspectiva desafia não apenas os modos de consumo contemporâneos, mas também a forma como a ciência e a tecnologia moldaram a noção de progresso. As discussões em torno dessa obra permitiram ao grupo refletir sobre como a lógica antropocêntrica está presente em diversas esferas da vida cotidiana e na própria linguagem usada para se referir ao meio ambiente, frequentemente descrito como “*recursos naturais*” ou “*patrimônio*” a ser gerido.

Vandana Shiva (2016), por sua vez, aprofundou esse debate ao tratar da monocultura do saber como forma de apagamento epistêmico. A autora indiana critica a imposição global de um modelo de conhecimento único, associado à ciência moderna ocidental, em detrimento de saberes tradicionais e locais. A chamada “*monocultura da mente*”, como ela define, não apenas destrói a diversidade cognitiva, mas também compromete a sustentabilidade ecológica, uma vez que está associada à padronização agrícola, à perda de biodiversidade e à dependência de insumos industriais. Para Shiva, reconhecer e proteger os saberes das comunidades locais é essencial para garantir a resiliência dos sistemas socioambientais.

As rodas de leitura também permitiram relacionar os conteúdos com a realidade do Sul do Brasil. Discutiu-se, por exemplo, como o agronegócio e as monoculturas afetam comunidades rurais, provocando deslocamentos, poluição e perda de saberes alimentares. O grupo também identificou a forma como práticas educativas em escolas e universidades ainda seguem uma lógica que desvaloriza saberes tradicionais, refletindo uma herança do pensamento colonial. Essa crítica foi ampliada com reflexões sobre o imperialismo, entendido como a imposição de modelos econômicos, culturais e epistêmicos do Norte global sobre o Sul. Esse sentimento é comum a vários países do Sul Global, que enfrentam a marginalização de seus saberes e a exploração de seus territórios em nome do progresso. Isso reforça a necessidade de práticas educativas que reconheçam a diversidade de saberes e fortaleçam a autonomia dos povos locais.

A *Encíclica Laudato Si'*, do Papa Francisco (2015), foi uma das leituras discutidas nas rodas. O texto apresenta o conceito de “*ecologia integral*” como resposta às múltiplas crises que afetam o planeta. O documento critica o que chama de “*paradigma tecnocrático*”, que privilegia soluções técnicas e mercadológicas para problemas que têm raízes estruturais. Papa Francisco afirma que a lógica do lucro imediato ignora os ritmos da natureza e compromete o bem-estar das gerações futuras. Ele propõe uma reorientação ética e política das ações humanas, colocando a vida, e não o capital, no centro das decisões econômicas.

O texto de Françoise Vergès (2020), *Um Feminismo Decolonial*, acrescenta uma dimensão importante ao debate ao demonstrar como as desigualdades de raça, gênero e classe sustentam o sistema econômico global. A autora denuncia a invisibilização do trabalho doméstico e de cuidado, realizado majoritariamente por mulheres negras e racializadas, e evidencia como esse trabalho é essencial para o funcionamento das cidades e instituições. Essa perspectiva ajuda a compreender também como a crise climática aprofunda essas desigualdades: mulheres negras estão entre as mais afetadas por desastres ambientais, insegurança alimentar, falta de saneamento e acesso precário a políticas públicas. Ao propor uma leitura interseccional e anticolonial, Vergès reforça a importância de considerar esses marcadores sociais nas discussões sobre justiça climática e na construção de respostas que não reproduzam exclusões históricas.

A leitura provocou discussões importantes sobre os impactos diferenciados da crise ambiental e das mudanças climáticas sobre populações vulnerabilizadas. O grupo refletiu, por exemplo, sobre como o trabalho de cuidado, embora frequentemente desvalorizado, é também um espaço de resistência e de produção de saberes, especialmente em contextos populares. Essa reflexão reforçou a importância de pensar a justiça climática não apenas em termos ecológicos, mas também como um projeto de redistribuição de poder, visibilidade e recursos.

As leituras propostas nas rodas do “*Momento de Leitura*” contribuíram para ampliar a compreensão do letramento socioambiental. Segundo Loureiro (2012), esse letramento vai além do acesso à informação: envolve o desenvolvimento de competências éticas, políticas e culturais para compreender os conflitos ambientais e atuar coletivamente na busca por alternativas. Nesse sentido, a leitura é vista como prática ativa de formação de sujeitos críticos, atentos às desigualdades históricas e às possibilidades de transformação social.

No contexto do *PET Educom Clima*, essas rodas não apenas fortalecem a formação teórica dos participantes, como também contribuem para as demais ações do grupo, desde as oficinas nas escolas, e até com os conteúdos produzidos para redes sociais. As leituras ajudam a consolidar um olhar mais atento às interseccionalidades e às dinâmicas territoriais que marcam a crise climática, orientando a prática educacional por uma

escuta sensível, pela valorização dos saberes diversos e pela construção coletiva do conhecimento.

Ao final de cada encontro, os participantes são convidados a responder a uma pesquisa de satisfação. Esse instrumento busca compreender como a atividade foi recebida, coletar sugestões de leitura e possíveis pontos de melhoria para as próximas edições. A avaliação tem buscado ser positiva, comentários como *“Achei importante refletir sobre essas questões que muitas vezes não estão no nosso cotidiano e nem percebemos”* e *“Gostei muito da experiência por ser um momento breve, mas muito interessante para discutir sobre questões sociais importantes”* mostram que os participantes estão engajados e gostando do formato dos encontros.

Ao pensar de forma educacional, com inspiração em Paulo Freire, incorporamos o sentido da busca de conscientização que, para o autor,

... não pode existir fora da “práxis”, ou melhor, sem o ato ação — reflexão. Esta unidade dialética constitui, de maneira permanente, o modo de ser ou de transformar o mundo que caracteriza os homens (FREIRE 1979: 15).

Compreender o mundo para poder transformá-lo faz parte deste processo dialógico de saberes compartilhados, tendo em vista que

... a educação crítica considera os homens como seres em devir, como seres inacabados, incompletos em uma realidade igualmente inacabada e juntamente com ela (FREIRE 1979: 42).

Ao colocar diferentes autores e experiências em diálogo com as realidades dos estudantes e das comunidades envolvidas nas ações do grupo, o *“Momento de Leitura”* reforça a articulação entre teoria e prática. As leituras não se encerram nos encontros: elas alimentam as oficinas, dão repertório para pesquisas e influenciam a forma como os integrantes do PET se posicionam diante das questões climáticas.

Esse repertório teórico acumulado orientou, por exemplo, a realização de uma edição da atividade em ambiente escolar. No dia 30 de maio de 2025, o PET Educom Clima realizou uma edição especial da atividade na Escola Estadual de Ensino Básico Sepé Tiaraju, com estudantes do 2º e 3º ano do Ensino Médio, a convite do professor Jean Thoni Oliveira. O texto escolhido foi um trecho da obra *Ideias para Adiar o Fim do Mundo*, retomando o autor já discutido em encontros anteriores. A leitura serviu como ponto de partida para debates sobre crise ambiental, pertencimento e relação entre sociedade e natureza.

Figura 2 - Momento de Leitura na Escola Estadual de Ensino Básico Sepé Tiaraju



Fonte: Bolsista do Pet Educom & Clima, Bruna Einecke.

A atividade foi organizada em formato de círculo de diálogo, permitindo a participação ativa dos estudantes. A partir da leitura e de perguntas norteadoras, surgiram discussões sobre o consumo excessivo, a degradação ambiental e a falta de representatividade de povos indígenas e quilombolas nas decisões políticas e ecológicas. Muitos jovens expressaram preocupação com o futuro do planeta, demonstrando uma escuta atenta e engajada.

Ao mobilizar referências trabalhadas anteriormente nos espaços universitários, essa edição do “*Momento de Leitura*” demonstrou como práticas educacionais, baseadas no diálogo e na escuta, podem transitar entre diferentes realidades, estabelecendo conexões entre saberes acadêmicos e vivências escolares. A leitura foi, mais uma vez, compreendida como um disparador de afetos, perguntas e posicionamentos, reafirmando seu papel central no fortalecimento do letramento socioambiental e na formação cidadã de jovens críticos e atuantes.

Nesse sentido, o “*Momento de Leitura*” contribui para qualificar as ações do *PET Educom Clima* ao ampliar o repertório dos participantes e aproximar teoria e prática. As discussões realizadas nos encontros repercutem em oficinas, conteúdos digitais e outras iniciativas do grupo, fortalecendo uma abordagem comunicacional atenta à diversidade de saberes e aos desafios socioambientais presentes nos territórios.

Olhar de Jornalista: fotografia e protagonismo indígena

No dia 7 de junho de 2025, durante o evento “*Compartilhando Saberes: Integração Cultural*” promovido no campus da UFSM em Frederico Westphalen, o PET Educom Clima ofereceu a oficina “*Olhar de Jornalista*”, voltada aos estudantes da *Licenciatura Intercultural Indígena*. A proposta da oficina foi proporcionar uma vivência teórico-prática sobre a fotografia como linguagem, articulando saberes técnicos e expressões culturais diversas.

A atividade iniciou com uma breve contextualização sobre a história da fotografia, destacando sua relação com a comunicação e a memória coletiva. Em seguida, os participantes aprenderam noções básicas de enquadramento, composição, luz e foco, tanto com câmeras profissionais quanto com smartphones. O enfoque foi na apropriação dos recursos disponíveis como meio de registrar, interpretar e transformar realidades.

Após a introdução, os estudantes foram convidados a registrar os momentos do evento, assumindo o papel de repórteres visuais. Essa vivência prática, que contou com a disponibilização de câmeras e o acompanhamento de bolsistas do grupo PET, permitiu que os participantes produzissem imagens a partir de seus próprios olhares e experiências. Ao final, foi realizada uma roda de conversa para análise coletiva das fotografias e discussão sobre os sentidos de “*ver e fazer ver*”.

Malcom Ferdinand, autor do livro *Uma ecologia decolonial*, argumenta que o modo moderno de ocupar o mundo está enraizado na violência colonial. O “*habitar colonial*” é descrito como uma forma de se relacionar com a Terra baseada em dominação, extração e exclusão. Segundo Ferdinand, essa forma de habitar instaurou uma profunda ruptura com outros modos possíveis de coexistência entre seres humanos e natureza. Por isso é importante que os estudantes indígenas ocupem o espaço universitário e compartilhem sua forma de ver o mundo por meio da fotografia, por exemplo.

Figura 3 - Oficina de fotografia na sala da Agência Íntegra da UFSM/FW



Fonte: Registro realizado por um dos estudantes durante a oficina.

Além do exercício técnico, a oficina gerou reflexões sobre o papel da imagem na construção de narrativas, na preservação de memórias e na resistência contra o apagamento de culturas. Para os estudantes indígenas, a experiência representou a possibilidade de ocupar também os espaços da comunicação, historicamente negados ou mediados por visões externas. Um dos participantes afirmou:

— “Agora a gente não só participa do evento, a gente também mostra como ele foi”.

A oficina também resultou em conteúdos audiovisuais produzidos para as redes sociais do PET, reforçando a dimensão digital da educomunicação e a importância dos ambientes virtuais como espaços de visibilidade, representação e diálogo intercultural. Essa iniciativa reafirma o compromisso do grupo com o protagonismo estudantil e com a criação de ambientes educativos plurais, sensíveis e politicamente engajados.

Considerações finais

As ações desenvolvidas pelo *PET Educom Clima* ao longo do semestre reforçaram o papel da educomunicação como caminho para integrar diferentes formas de saber e promover o pensamento crítico sobre a crise climática. A leitura, o diálogo e a produção coletiva foram centrais nas atividades, permitindo conexões entre os conteúdos estudados e as realidades vividas pelos participantes. Nas oficinas e rodas de leitura, o conhecimento circulou em ambiente de troca, de forma dialógica, em que as experiências dos estudantes, professores e comunidades foram levadas em conta e contribuíram diretamente para a condução dos encontros. Esse processo tornou os debates mais próximos das vivências de cada grupo envolvido, o que favoreceu a participação e ampliou o interesse pelos temas discutidos.

Dentro dessa lógica, o trabalho extensionista do grupo se alinha a uma concepção de educação ambiental crítica, pautada pelo reconhecimento da diversidade de saberes e pela valorização dos territórios como espaços de aprendizagem. As atividades desenvolvidas mostram que a extensão não é apenas aplicação de conhecimentos produzidos na universidade, mas um processo formativo construído de forma colaborativa, que envolve diferentes experiências, trajetórias e perspectivas. Assim, o letramento socioambiental promovido pelas ações do PET busca estimular a reflexão crítica e o engajamento coletivo com os desafios ambientais, a partir das realidades vividas por quem participa das ações.

Referências

FREIRE, Paulo (1979). *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo, Cortez & Moraes.

HAESBAERT, Rogério (2004). *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.

hooks, bell (2022). *Pertencer: uma cultura do lugar*. São Paulo, Elefante.

KRENAK, Ailton (2019). *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo, Companhia das Letras.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo (2012). “Educação ambiental e sustentabilidade: elementos para o debate contemporâneo”. In: LAYRARGUES, Philippe Pomier (Org.). *Identidades da Educação Ambiental Brasileira*. Brasília, MMA: 95–108.

SHIVA, Vandana (2016). *Monoculturas da mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia*. 2. ed. São Paulo, Edições SESC SP.

VERGÈS, Françoise (2020). *Um feminismo decolonial*. Trad. Jamille Pinheiro Dias. São Paulo, Ubu Editora.

FRANCISCO (Papa) (2015). *Laudato Si’: sobre o cuidado da casa comum*. São Paulo, Paulus.

Sobre os autores

Cláudia Herte de Moraes é Doutora em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Na Universidade Federal de Santa Maria, campus Frederico Westphalen e colaboradora no Programa de Pós-Graduação em Comunicação (Poscom). Tutora do PET *Educom Clima*.

Júlia Weber é Estudante do 5º período do curso de Relações Públicas na Universidade Federal de Santa Maria, campus Frederico Westphalen. Bolsista do PET *Educom Clima*.

Júlia Gonsalo de Carvalho é Estudante do 5º período do curso de Relações Públicas na Universidade Federal de Santa Maria, campus Frederico Westphalen. Bolsista do PET *Educom Clima*.

Franchesco de Oliveira Y Castro é Estudante do 5º período do curso de Jornalismo na Universidade Federal de Santa Maria, campus Frederico Westphalen. Bolsista do PET *Educom Clima*.

Raquel Teixeira Pereira é Estudante do 5º período do curso de Jornalismo na Universidade Federal de Santa Maria, campus Frederico Westphalen. Bolsista do PET *Educom Clima*.